

Retomada e especulação

25 SET 1984

A partir do momento em que a economia brasileira começou a registrar alguns acertos no seu programa de ajustamento, reverteu-se o quadro de análises. O tom predominantemente catastrófico cede espaço a um otimismo crescente. Proliferam opiniões, palpites, especulações, alguns razoavelmente bem fundamentados, outros desprovidos de qualquer embasamento mais sério.

Neste contexto, o trabalho apresentado pelo BNDES destaca-se por não limitar suas considerações a curto prazo. A própria metodologia de análise — a construção de cenários — revela uma certa dose de prudência. Duas hipóteses são formuladas: a chamada pessimista, que parte da manutenção da presente política econômica, e a do crescimento, que considera importantes alterações na estratégia do ajustamento. Neste último caso, o governo lograria substanciais modificações nas condições de renegociação da dívida externa, como redução das taxas de juros e aumento dos prazos.

Talvez o termo de "crescimento" adotado para a segunda alternativa não seja o mais apropriado. Afinal, não se pode conceber que a política econômica conspire contra a recuperação. Trata-se muito mais de uma questão de dosagem. Em qualquer uma das hipóteses, contudo, reconhece-se que o País voltará a crescer durante o período 1984-1990 (último ano abrangido pelo estudo), chegando a resultados diferentes em termos de criação de empregos e do nível de vida da população. De acordo com o cenário otimista, o PIB sempre crescerá a taxas iguais ou superiores a 7%, enquanto que a outra versão contempla uma evolução média de 5% ao ano. O cenário internacional é idêntico nas duas hipóteses, baseando-se num crescimento de 3% ao ano, em média, para os países desenvolvidos.

Em tese, não seria tão necessário operar grandes modificações na política econômica para se alcançar os resultados esperados no cenário otimista. Por outro lado, o atual encaminhamento da renegociação da dívida externa não sugere que nossos credores abdicuem facilmente dos esquemas de juros e prazos em vigor. A melhor prova está na reunião do FMI que ora se desenvolve em Washington. Apesar da retomada do crescimento nas economias desenvolvidas, não se nota maior grau de indulgência para com as nações devedoras. Neste sentido, o cenário de "crescimento" elaborado pelo BNDES revela-se talvez otimista demais...

Por mais que se acumulem indicadores positivos sobre o desempenho da economia nacional neste ano, ainda resta muito a fazer para consolidar o crescimento, principalmente quando não se tem condições de antever o que fará o próximo governo. Assim, os rumos que a economia tomará não podem ser tidos como independentes da troca de co-

mando político, que poderá resultar em estratégias talvez não abarcadas pelo referido estudo. A rigor, pode-se afirmar que o governo logrou apenas uma parte do ajustamento pretendido, a saber, a obtenção de bons saldos comerciais no seu comércio exterior e a diminuição do déficit público. No entanto, persistem as dificuldades de controle monetário e, principalmente, de combate à inflação.

O próximo governo não conseguirá escapar da tarefa da desindexação, entre outras, além de ter de reordenar o crescimento dos investimentos públicos, paralelamente à consecução da reforma tributária. É certo que a recessão provocou mudanças no perfil da indústria e das importações, estimulando a substituição. Este processo não está encerrado e seus desdobramentos ainda não foram totalmente dimensionados. Ou seja, há condições para o crescimento, ainda que a política econômica conserve certa dose de "ortodoxia" em termos de dosagem de recursos. Aliás, todos os cuidados são necessários, a fim de que nova explosão inflacionária não venha a ocorrer, simplesmente em nome do esperado "crescimento".

ESTADO DE SÃO PAULO